



O EVANGELHO Segundo Saramago

livros

POR VASCO PULIDO VALENTE

*Por detrás de um romance,
estão as culpas de um comunista arrependido.
Vasco Pulido Valente critica
o último livro de José Saramago
e conclui não ter pachorra para confissões comerciais*

1.

O LIVRO chama-se «O Evangelho Segundo Jesus Cristo», donde se pressupõe que o narrador é o próprio Jesus Cristo, que dá como Mateus ou Marcos, a sua versão dos acontecimentos. Seria, de facto, uma dramática mudança de perspectiva. Os evangelistas foram obrigados a contar o que viram e ouviram ou o que recolheram da tradição. Estavam de fora e falaram na terceira pessoa, com uma voz que se apagava perante a história. Agora, não. Agora passaríamos para a consciência de Jesus e saberíamos tudo por ele. Imaginem: «eu fiz, «eu pensei, «eu queria. Ali, na primeira pessoa, não nos podendo esconder nada sem uma boa razão. Mas, desgraçadamente, Saramago não se atreveu a tomar o papel de Jesus. Esta prudência compreende-se: a tentativa acabaria quase com certeza na vulgaridade e no dislate. Era muito mais fácil escrever um romance sobre Jesus Cristo, a partir da matéria bíblica. Um romance de narrador onisciente, em que Saramago conhecesse melhor Jesus do que Jesus se conheceria a si mesmo e que lhe permitisse usar uns pozinhos do «maravilhoso colombiano» (se me permitem a expressão), sua grande especialidade e magnífica muleta para eventuais aflições. Só que nesse caso, não havia qualquer lógica para o título. Não se tratava, evidentemente, do «Evangelho Segundo Jesus Cristo», tratava-se apenas, e quando muito, do «Evangelho Segundo Saramago».

Sucedem que «O Evangelho Segundo Saramago» não iria excitar ninguém ou, pelo menos, não produziria automaticamente o estrondo e a publicidade de um «Evangelho Segundo Jesus Cristo». Aqui Saramago não hesitou: escreveu o romance e deixou ficar o título. Parece que o título lhe chegara antes por divina inspiração. Em Sevilha salvo o erro. Deus percebe de *marketing*.

2.

O produto é que falha. Em primeiro lugar, as virtudes comerciais da blasfémia numa sociedade dessacralizada diminuíram acentuadamente. Salman Rushdie (mil vezes melhor escritor do que Saramago) continua por aí escondido. Saramago vai à televisão e conversa com teólogos tolerantes. A Igreja não abre a boca, os católicos não se comovem e até os (poucos) fanáticos subsistentes reservam a sua já branda ira para o cinema. A imagem ainda os ofende, a palavra não. Em segundo lugar, os ateus, como Saramago, são notoriamente débeis na blasfémia. A força da

blasfémia depende da fé. No mínimo da fé «perdida», ou seja, da rejeição. «A Relíquia», por exemplo, é puro veneno. «O Evangelho Segundo Jesus Cristo» é um catálogo de banalidades.

Comprando o livrinho, o mais distraído frequentador das Amoreiras espera que Saramago lhe sirva: uma ou várias cópulas de Maria, uma copiosa filha-rada de Maria e José, um amor escaldante com sexo explícito entre Jesus e Maria Madalena, apóstolos com namoradas, a reabilitação de Judas Iscariote e um conluio entre Deus e o Diabo contra a huma-

nidade. Nisto, Saramago não defrauda o público.

Mas não se atreve a desacreditar radicalmente os milagres, por causa do «maravilhoso colombiano». Os prodígios divinos, diabólicos ou mágicos à superfície não se distinguem; e sem prodígios Saramago não passa. Neste aperto, para insinuar o arbitrio e a humanidade de Jesus recorre aos milagres mais absurdos dos Evangelhos com que os racionalistas se costumam divertir (nomeadamente Russel, num dos manuais do ateu completo: «Porque não sou cristão»): os porcos de Gadarena (ou Gerasa) que se precipitam no mar porque Jesus alojou neles uma legião de demónios e a figueira, que Jesus amaldiçoa e seca porque não tem frutos fora de época.

3.

A tese do romance é simples: Deus fartou-se de ser Deus de um povo «pequeníssimo», miserável e quereloso, «que vive numa diminuta parte do mundo». Está insatisfeito e deseja «alargar a sua influência». O Diabo também se interessa por este projecto, porque naturalmente o seu poder aumentará com o poder de Deus. Os





«limites» de um são os «limites» do outro. Ora Deus precisa de um instrumento para se expandir e escolheu Jesus. De acordo com o plano dele, basta o martírio de Jesus para que a «crença se aflore» e «a fé se espalhe». Que fé? O romance não esclarece: não distingue entre a «lei velha» e a «lei nova» e omite quase totalmente a pregação de Cristo. Para Saramago, só conta o facto de que Jesus não é Filho de Deus.

Na verdade, do ponto de vista de um crente, se Jesus não for filho de Deus, a pregação não importa. Há uma co-substancialidade absoluta entre a sua natureza divina e a sua mensagem, porque a essência dessa mensagem está na sua natureza divina. Por isso, Saramago afirma que a nossa civilização assenta num «equivoco», tomou a sério a palavra de um falso Deus, uma palavra diabólica, e daí fluíram sofrimentos sem fim. A recitação desses sofrimentos, confiada a lavé, e digna do pior positivismo do século XIX, ocupa duas dezenas de páginas. Até o Diabo, impressionadíssimo, resolve propor a Deus a sua obediência para «acabar» com o Mal. Mas Deus não aceita. O «seu» Bem precisa daquele Mal. Por outras palavras, precisa da intolerância.

Esta noção do cristianismo suscita alguns comentários. Desde logo, embora com fundamento teológico, suprimir a mensagem de Jesus implica que não se lhe reconhece qualquer valor humano. Ou seja,

equivale a dizer que, independentemente da divindade de Cristo, ela não pode ter sido útil à libertação e à dignidade do homem. Segundo Saramago (e alguns antecessores um pouco mais ilustres), Jesus nega o homem. Isto, conceda-se, é controverso. Além de que é um artifício literário muito conveniente. A ausência da pregação torna menos óbvia a grotesca simplicidade do Cristo do romance; e mais persuasiva a diátribe sobre as desgraças que dele vieram. Sucede, no entanto, que a estas vantagens correspondem evidentes desvantagens. Reduzido Jesus a um mágico e curandeiro, quase mudo, que apenas se proclama Filho de Deus, não se compreende depois por que razão alguém o há-de seguir ou por que razão a sua morte transformará o mundo. O martírio de megalómanos nunca transformou nada.

Existe, de resto, em toda esta ideia de uma civilização nascida de um «equivoco», uma inesca-pável ressonância. O comunista Saramago não se esqueceu sem dúvida de uma outra



civilização nascida de um «equívoco», de uma «boa nova» perversa, que gerou um incomparável «rio» de sangue e dor. O discurso de Iavé sobre os seus projectos de conquista e o seu desprezo pelos homens, fracos e manipuláveis, não espantaria nenhum dos deuses da religião laica que ele professa. E este romance sobre um engano monstruoso lê-se, quando se consegue ler, como pura catarse do monstruoso engano de que o autor foi parte e agente.

4.

Sobretudo quando se fala da culpa, que é um dos grandes temas do livro. José, por manha de Deus, ouve alguns soldados combinar o massacre de Belém. Em vez de prevenir o povo de Belém, pensa apenas em salvar Jesus e 25 crianças são mortas. Este «crime» de José significa que ele se preferiu ao outro, mais precisamente que «renegou» a humanidade. Dali em diante é atormentado por remorsos e sonha que vai com os mercenários de Herodes matar o seu próprio filho.

Poupemos divagações freudianas. De qualquer maneira, o sonho exprime o desejo de José de matar Jesus, cujo nascimento e extraordinário futuro vários portentos lhe anunciaram. Vinte e cinco inocentes morreram para que Jesus sobrevivesse: e a culpa de José, a culpa da indiferença do homem «bom», como o Diabo explica a Maria, não tem perdão. Jesus cresce com essa mancha. Uma pergunta terrível, que não pode ser feita ou respondida ou sequer enunciada pelo pai ou pelo filho, «devoira» ambos: quanto mais sangue custará Jesus? Inconscientemente, José não ignora que ele afogará o mundo em sangue e quer matá-lo no sonho para que esse sangue não corra.

Mas, títeres de Deus, José e Jesus não conseguem fugir à vontade que os guia. José acaba crucificado aos trinta e três anos, por um mero engano. Não expia a sua culpa, é «comido» por ela. Nessa altura, o pesadelo passa para Jesus: entre as crianças de Belém, vê o pai com os soldados de Herodes que avançam contra ele. Sofre «mil mortes», porque precisamente não está inocente.

O pesadelo só desaparece, quando ele celebra um pacto de sangue com Deus. Antes recusara-se a sacrificar um cordeiro no Templo, no deserto. Deus exige-lhe o sacrifício de uma ovelha e ele submete-se. Aceita, assim, o seu destino de culpa e, logo que o revela à família, o pesadelo transforma-se num sonho exaltante: ele e José deslizam pelas águas do mesmo rio. Jesus sucede ao pai, ambos carrascos da inocência. Mas Jesus, a partir do momento em que Deus lhe revela os inomináveis resultados da sua próxima crucificação, resiste ao inevitável. Ao prin-



cípio, puerilmente. Depois, tentando voltar contra Deus a diabólica armadilha em que fora apanhado. Iavé deseja o martírio dele como seu Filho dilecto. Para contrariar este plano, Jesus resolve morrer como político, ou seja, como um simples louco que se proclama rei dos judeus. Desta maneira, o sangue será estancado na fonte pela insignificância da vítima. Infelizmente, embora informados do que se prepara, contra eles e contra a humanidade, os apóstolos não querem colaborar na conspiração. Deus já os infectou. Jesus suplica-lhes que o denunciem às autoridades como rebelde. Em vão. Só Judas Iscariote, que aliás recusa os «trinta dinheiros», obedece e o faz prender. O único amigo fiel e a última tábua de salvação ficará, por isso, para toda a eternidade, a epítome do traidor.

A ironia não termina aqui. Crucificado sob um letreiro que o declara «Jesus Nazareno Rei dos Judeus», Cristo compreende que, afinal, apesar das suas boas intenções, cumpriu o abominável papel que lhe estava atribuído. Para o mundo, não é um homem que agoniza naquela cruz. O Diabo recolhe numa taça as primeiras «gotas» do «rio de sangue e sofrimento» que sai do seu peito,

aberto pela lança. Misericordiosamente, ele já não vê como começa o longo caminho de poder e de glória que a sua morte inaugura.

Valerá a pena notar de novo que a culpa do silêncio (de José em Belém), a culpa de submissão à vontade alheia e a culpa do engano (de Jesus Cristo) foram culpas assaz comuns entre os amigos políticos do autor. E como não lembrará a inversão do traidor e do herói em Judas aqueles que se opuseram a uma outra «divina» mentira? Certas angústias ganhavam em não se manifestar metaforicamente, com hipocrisia e melação à mistura.

5.

Admita-se a Saramago uma capacidade inventiva rara na literatura portuguesa. Ele fabrica uma intriga com especial eficiência. Desta vez, porém,

desenvolve-a sem qualquer sentido do ritmo e das proporções. O romance arrasta-se inutilmente até ao pacto entre Jesus e Deus e, a seguir, pela necessidade de omitir a pregação, é despachado à pressa até ao Gólgata, com bastante primarismo e trapalhada.

Não tem, aliás, verdadeiras personagens. Deus veio direito do jacobinismo vulgar; Maria oscila entre o panfleto feminista e a idiotia; Madalena é um idílio sexual de adolescente; Jesus é uma sombra; os apóstolos (incluindo Judas) não existem.

Apenas José e o Diabo (principalmente o Diabo) chegam a adquirir uma certa espessura. Mas mesmo esses são prejudicados pelos insuportáveis maneirismos do denominado «realismo mágico»: o pote enterrado, o pó dourado, a planta misteriosa e por aí fora que não há paciência.

O rigor teológico e filosófico não se recomenda e os temas centrais não se distinguem pela subtilidade ou pela originalidade.

Fatalmente: porque «O Evangelho Segundo Jesus Cristo» é contado na voz coloquial, tagarela, pseudopopulista e pseudo-lírica, que sempre afligiu Saramago. Essa voz permite o que permite. Saramago apanhou-a, como se sabe, em más leituras e agora ninguém lhe pode valer.

Seja como for, graçolas como a de que Alá é um heterónimo de Pessoa, ou da Pessoa, excedem os limites do bom senso, para não falar do bom-gosto.

Pior: a possível tragédia e a possível violência do «Evangelho Segundo Saramago» diluem-se nos tiques de um género esgotado. A história do «equivoco» em que assentou a nossa civilização não se adapta muito bem ao sentimentalismo suburbano.

